

FRIEDRICH SCHLEIERMACHER. UM CLÁSSICO DA FILOSOFIA ALEMÃ*

Aloísio Ruedell**

SÍNTESE – Importantes autores reconhecem hoje a amplitude e a diversidade da produção intelectual de Friedrich Schleiermacher. Mas, considerá-lo como um clássico da Filosofia Alemã significa, acima de tudo, referir-se a seu projeto hermenêutico. Esse é basicamente o objeto da presente discussão. Após breve introdução da questão, propõe-se uma explicitação do pensamento hermenêutico de Schleiermacher, baseada em alguns de seus conceitos fundamentais.

PALAVRAS-CHAVE – Linguagem. Sujeito. Interpretação gramatical. Interpretação psicológica (e/ou técnica). Comparação. Divinação. Círculo hermenêutico.

ABSTRACT – Important authors have acknowledged the breadth of scope and the variety in Friedrich Schleiermacher's intellectual work. But, regarding him as a classic of German philosophy requires, above all, appreciation of his hermeneutic project. In essence, this is the object of the paper. Following a brief introduction to the issue, an exposition of Schleiermacher's hermeneutic thought based on some of its fundamental concepts is put forward.

KEY WORDS – Language. Subject. Grammatical interpretation. Technical/psychological interpretation. Comparison. Divination. Hermeneutic circle.

O tema desse trabalho é o pensamento filosófico de Friedrich Schleiermacher. Uma abordagem nessa amplitude seria, entretanto, inviável. Por isso, a discussão ater-se-á especificamente à sua hermenêutica, já investigada em tese de doutoramento. Sem perseguir alguma questão particular dentro do tema, pretende-se simplesmente apresentar de maneira positiva o projeto hermenêutico de Schleiermacher, visando a mostrá-lo como uma articulação da, na época, importante polémica entre razão e história, aqui basicamente tematizada na relação entre linguagem e sujeito. Podem ser destacados quatro momentos no desenvolvimento da discussão: 1. A título de introdução, uma certa justificação dessa delimitação temática, destacando a hermenêutica dentre as diversas facetas ou abordagens possíveis do pensamento filosófico de Friedrich Schleiermacher; 2. Origem e breve caracterização da pergunta hermenêutica; 3. A vinculação da hermenêutica com

* Este trabalho foi realizado com apoio da FAPERGS e apresentado em 29.03.2001, no Instituto Goethe de Porto Alegre, no evento *Clássicos da Filosofia Alemã*, promovido pelo Pós-Graduação em Filosofia da PUCRS.

** Professor do Departamento de Filosofia e Psicologia da UNIJUÍ e doutor em Filosofia pela PUCRS.

uma concepção de linguagem e de sujeito; 4. Alguns conceitos e aspectos importantes da hermenêutica de Schleiermacher, vistos como desdobramento dessa estrutura fundamental bipolar, da linguagem e do sujeito.

1. Em busca de uma delimitação – Um dos princípios mais elementares de uma investigação é a delimitação prévia de seu campo temático. Esse imperativo metodológico torna-se especialmente importante, quando se pretende falar de Schleiermacher, um autor – na terminologia de estruturas universitárias hodiernas – deveras *multicampi*. E isso não apenas por ter sido originariamente teólogo, sentido-se desafiado por questões filosóficas a partir da atuação profissional primeira. Mantendo a discussão no nível de sua atividade filosófica, autores importantes reconhecem-lhe hoje a amplitude e a diversidade de sua produção intelectual. Gunter Scholtz, por exemplo, estranha a pouca valorização da contribuição de Schleiermacher para o campo da ética, pois, no seu entender, juntamente com a Dialética, a Ética constitui a própria base do projeto filosófico de Schleiermacher.¹ A ela ordenam-se todas as disciplinas tidas como “ciências do espírito”: “Teoria do Estado, Pedagogia, Filosofia da Religião, Estética, Hermenêutica e História”.² Em relação à Dialética, enquanto arte de se entender ou dialogar,³ ela é efetivamente reconhecida, em Schleiermacher, como uma ciência filosófica superior, fundamental para a concepção da hermenêutica.

O nome de Schleiermacher, entretanto, figura aqui, neste seminário, entre os clássicos da Filosofia Alemã. Com essa contextualização já se aponta para a perspectiva e os limites da discussão. Sem ignorar a possibilidade de outras abordagens importantes, deverá ater-se ao pensamento hermenêutico do autor, porque é nesse campo de discussão que ele é conhecido e reconhecido. São hoje muitas as discussões hermenêuticas que se vinculam explicitamente ao pensamento de Schleiermacher, reconhecendo-lhe não apenas um valor histórico, mas também sua atualidade. E isso não é só hoje, mas há muito tempo – afirma Peter Szondi – pensa-se no nome de Schleiermacher quando se trata de hermenêutica, ao menos na Alemanha e desde a sua divulgação por Dilthey.⁴ Além disso, sua múltipla e histórica presença nas discussões hermenêuticas é mais do que mera figuração de nome. Significa, em verdade, o seu reconhecimento como um clássico da hermenêutica moderna, no sentido de o seu pensamento ter sido determinante para as

¹ Gunter Scholtz, *Ethik und Hermeneutik: Schleiermachers Grundlegung der Geisteswissenschaften*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1995, p. 83.

² *Ibid.*, p. 71.

³ Em *Dial O*, p. 5, Schleiermacher inicia a discussão do tema da dialética com esta definição: “Darlegung der Grundsätze für die kunstgemässige Gesprächsführung im Gebiet des reinen Denkens”. (*Dial O* = Fr. Schleiermacher, *Dialektik*. Im Auftrage der Preussischen Akademie der Wissenschaften auf Grund bisher unveröffentlichten Materials hrsg. von Rudolf Odebrecht. Leipzig: Henrichs Verlag, 1942, 464 p.)

⁴ Cf. Peter Szondi, *Einführung in die literarische Hermeneutik*. Hg. von Jean Bollack und Helen Stierlin, Frankfurt: Suhrkamp, 1975, p. 135 e também cf. Aloísio Ruedell, *Da representação ao sentido: através de Schleiermacher à hermenêutica atual*, Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000, p. 39.

produções posteriores.⁵ Para Hendrik Birus é inquestionável que lhe cabe esse título.⁶ Basta conferir as próprias discussões dos mais diversos autores. Pode-se verificar o quanto elas são devedores de Schleiermacher. Foi, aliás, com ele que a hermenêutica passou a integrar o cenário filosófico,⁷ deixando sua função de mera disciplina auxiliar (da exegese ou da literatura) e erigindo-se em ciência autônoma, como “arte da compreensão e da interpretação”.⁸

2. Origem e caracterização da pergunta hermenêutica – É sabido que foi num contexto teológico-religioso que Schleiermacher passou a se colocar a pergunta hermenêutica. Mas, ainda que essa tenha emergido de problemas específicos, da exegese bíblica, ela é elaborada numa perspectiva universal, ultrapassando e fundamentando toda hermenêutica setorial ou especial. Seu interesse não é apenas a compreensão e a interpretação do texto sagrado, mas de todo e qualquer texto, falado e, sobretudo, escrito. Põem-se, em verdade, duas perguntas. Uma é a metodológica, que visa ao estabelecimento de normas para o procedimento hermenêutico, tais como, por exemplo: “o particular só pode ser compreendido a partir do todo e esse a partir do particular”.⁹ Aí estava, em verdade, a preocupação primeira de Schleiermacher. Sentia a falta de princípios, que o pudessem orientar e dar segurança em sua atividade profissional de exegeta, bem como na avaliação de outros intérpretes. Vista nesse nível, a hermenêutica de Schleiermacher, segundo classificação de Scholtz, é uma hermenêutica *técnica*,¹⁰ ou até, como este diz, “essencialmente técnica”.¹¹ É a característica que lhe mereceu o nome de *Kunstlehre*, teoria da arte de interpretação e compreensão.

No entanto, não será difícil perceber, que o caráter técnico ou normativo não é a única qualificação da hermenêutica de Schleiermacher. Sua pergunta visa mais do que meros princípios de ação. Desses, pois, diz ele, já havia o suficiente. A pergunta, por isso, é por fundamentação,¹² e nesse sentido ela transcende os limites meramente técnicos. A par da pergunta metodológica, indaga-se também

⁵ Cf. Hendrik Birus (Hg.), *Hermeneutische Positionen: Schleiermacher, Dilthey, Heidegger, Gadamer*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1982, p. 16.

⁶ Cf. *Ibid.*, p. 15.

⁷ Cf. Hans Ineichen, *Philosophische Hermeneutik*, Freiburg/München: Karl Alber, 1991, p. 117 e cf. A. Ruedell, *Da representação ao sentido*, p. 39.

⁸ *HK*, p. 76 e 77. (*HK* = Friedrich D.E. SCHLEIERMACHER, *Hermeneutik*. Nach den Handschriften neu hrsg. und eingeleitet von Heinz Kimmerle. 2.verb. u. erweiterte Aufl. Heidelberg: Carl Winter Universitätsverlag, 1974.).

⁹ *HK*, p. 141-142. A mesma questão é discutida em Aloisio Ruedell, *op. cit.*, nas pp. 23 e 186.

¹⁰ Em “Was ist und seit wann gibt es 'hermeneutische Philosophie?'”, in Frithjof Rodi, *Dilthey-Jahrbuch für Philosophie u. Geschichte der Geisteswissenschaften*, Bd.8. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht 1992/93, p: 93-119, Gunter Scholtz propõe uma tripla divisão da hermenêutica: hermenêutica *técnica*, hermenêutica *filosófica* e filosofia *hermenêutica*. Essa terminologia também é discutida em A. Ruedell, *Da representação ao sentido...* p. 15 e ss.

¹¹ *Dilthey-Jahrbuch* 8 (1992/93), p. 97. O caráter técnico, contudo, não deve ser visto como procedente, por exemplo, do rigor metodológico de Descartes, e sim como provindo da prática interpretativa (Cf. Gunter Scholtz, *Ethik und Hermeneutik*, p. 98).

¹² Cf. *HuK*, p. 8. (*HuK* = Friedrich D. E. Schleiermacher, *Hermeneutik und Kritik*; mit einem Anhang sprachphilosophischer Texte Schleiermachers. Hrsg. und eingeleitet von Manfred Frank, 4.Aufl. Frankfurt a. Main: Suhrkamp, 1990.

pelas condições de possibilidade da compreensão, caracterizando-se, assim, na terminologia de Scholtz, uma hermenêutica *filosófica*.¹³ Uma discussão nesse nível, diria Scholtz, seria mais proveitosa se fosse deslocada para o campo da Ética¹⁴ e de suas disciplinas particulares. Aí efetivamente estaria a condição de possibilidade da compreensão. Isso, porém, não impede que se considere o caráter de fundamentação do próprio projeto hermenêutico, identificando nele condições e conceitos básicos, que possibilitam o seu estabelecimento. A discussão da hermenêutica de Schleiermacher mostra claramente sua estrutura fundamental, constituída entre dois pólos, a *linguagem* e o *sujeito* (falante/autor e leitor). É a partir desses dois conceitos que ela é elaborada. Eles, em verdade, constituem sua condição de possibilidade.

Por isso, o propósito desta exposição é discutir brevemente essa estrutura fundamental bipolar e, a partir dela, clarear alguns conceitos constantes do projeto hermenêutico de Schleiermacher. Será uma discussão sobre conceitos que efetivamente se firmaram na elaboração de seu pensamento, sem a pretensão de, com isso, ter tratado todos os aspectos relevantes.

3. Linguagem e sujeito – À semelhança do giro copernicano de Kant, notadamente crítica da razão e do conhecimento, encontra-se em Schleiermacher o giro transcendental no mundo do sentido e da compreensão. “Para além de sua preocupação técnica de resolver o problema da interpretação e da compreensão, tinha ele a pergunta fundamental por suas condições de possibilidade. Encontradas, dum lado, na consciência livre do sujeito. O caráter subjetivo” e singular “é, para ele, condição de possibilidade, não só da compreensão, mas do próprio estabelecimento do sentido. Na base de todo discurso e da própria linguagem, enquanto sistema, há um projeto singular de sentido somente inteligível à luz da subjetividade”.¹⁵ Essa é, sem dúvida, uma idéia fundamental da hermenêutica de Schleiermacher, que está na base de toda a sua elaboração.

O aspecto da subjetividade/singularidade é, contudo, apenas um dos elementos que possibilitam o estabelecimento e a compreensão do sentido. “Sua projeção e interpretação, no entender de Schleiermacher, sempre singulares, são, por sua vez, possíveis, no contexto da linguagem. Não há pensamento ou projeto que já não tenha sempre a forma da linguagem, no sentido de que todo pensar ‘já é um falar interior’, valendo-se de recursos lingüísticos. E a própria consciência de si não dispõe de si mesma, na pureza de sua identidade, mas somente como elemento de relação, onde as formas da relação são as da linguagem”.¹⁶

Portanto, são duas as condições básicas que possibilitam a compreensão do sentido, a consciência livre e criadora do sujeito e a linguagem. São condições da compreensão, porque também já estão na base do discurso que estabelece o sentido. “Todo discurso”, afirma Schleiermacher, “tem uma dupla relação, para o todo

¹³ Cf. *Dilthey-Jahrbuch* 8 (1992/93), p. 99 e também em A. Ruedell, op. cit., p. 20.

¹⁴ Scholtz refere-se à Ética como à “teoria universal da cultura” (*Ethik und Hermeneutik*, p. 75).

¹⁵ A. Ruedell, *Da representação ao sentido*, p. 209-210.

¹⁶ *Ibid.*, p. 210.

da linguagem e para o todo do pensamento de seu autor". Sua compreensão, por isso, dá-se também em base a esses dois aspectos, como "extraído da linguagem" e como "fato naquele que pensa".¹⁷ É uma compreensão simultânea sob dois pontos de vista, assumidos, respectivamente, pela interpretação gramatical e interpretação psicológica. Como autor e linguagem já são inseparáveis na constituição de uma obra ou de um discurso, também essas duas perspectivas de interpretação e de compreensão exigem-se mutuamente e são igualmente importantes.¹⁸ Não é possível compreender um discurso enquanto fato do espírito, sem compreendê-lo também enquanto designação de uma língua. Da mesma forma, um discurso só é compreendido como "extraído da linguagem" na medida que também for compreendido enquanto fato do espírito, que influi na própria constituição de uma língua.¹⁹ Trata-se, portanto de dois aspectos ou perspectivas de uma mesma compreensão. Isso, porém, não impede a Schleiermacher de abordá-los separadamente, na interpretação gramatical e na psicológica.

4. Interpretação gramatical – A compreensão de um texto, de qualquer gênero que seja, requer que se saiba o sentido dos termos nele empregados, ou seja, que se conheça a linguagem da qual dispunha o autor. É isso que se propõe na interpretação *gramatical*. Essa visa à compreensão do discurso enquanto articulação da estrutura de uma língua.

Duas regras básicas ou cânones orientam essa perspectiva de interpretação. Numa o discurso é visto em seu todo, enquanto determinação paradigmática: sendo necessário defini-lo melhor, deve-se fazê-lo a partir do "âmbito da linguagem comum ao autor e seu público originário".²⁰ Leia-se aqui "âmbito da linguagem" num sentido bem amplo, de modo a incluir o mundo e o momento histórico-social. A outra regra considera o discurso em suas relações lineares ou como determinação sintagmática: "O sentido de um termo numa determinada passagem precisa ser definido segundo suas relações com os que o precedem e sucedem".²¹ Depois, vinculada a esses cânones, "há mais uma *série de pares de oposição* (formal-material; qualitativo-quantitativo; mecânico-orgânico) que, juntamente com os primeiros, instituem uma diversidade de combinações e pontos de vista possíveis da interpretação *gramatical*".²²

Sem entrar aqui na análise detalhada de todas essas possibilidades da interpretação, basta, neste momento, chamar a atenção para as duas regras basilares, já apresentadas. Elas têm em comum o princípio de que "nenhum elemento isola-

¹⁷ HK, p. 76.

¹⁸ HuK 79: "Beide stehen einander völlig gleich, und mit Unrecht würde man die grammatische Interpretation die niedere und die psychologische die höhere nennen".

¹⁹ Cf. HuK p. 79.

²⁰ A citação completa do cânone é a seguinte: "Alles, was noch einer näheren Bestimmung bedarf in einer gegebenen Rede, darf nur aus dem Verfasser und seinem ursprünglichen Publikum gemeinsamen Sprachgebiet bestimmt werden"(HK 86, tb. transcrito em HuK 101).

²¹ HK 91, HuK 116: "Zweiter Kanon. Der Sinn eines jeden Wortes an einer gegebenen Stelle muss bestimmt werden nach seinem Zusammensein mit denen, die es umgeben."

²² Manfred Frank, *Das individuelle Allgemeine*, Frankfurt a. Main: Suhrkamp, 1985, p. 266. Cf. também A. Ruedell, op. cit., p. 172.

do pode ser compreendido por si",²³ desvinculado de sua função ou lugar que ocupa no todo que integra. Por isso, "tudo [ainda] necessita de uma definição mais acurada, e a obtém na relação. Cada parte do discurso, tanto material quanto formal, é em si indeterminada"²⁴.

5. Interpretação psicológica e/ou técnica – A compreensão do sentido de um texto conduz necessariamente àquilo que Schleiermacher designava de interpretação *técnica*, destacando-a do contexto mais amplo da interpretação *psicológica*.²⁵ Nem sempre ele faz essa diferenciação terminológica. O emprego dos termos tem, por vezes, um sentido bem amplo, referindo-se, ao mesmo tempo, ao autor (aspecto psicológico) e a seu estilo. Há, contudo, também um emprego mais preciso e específico de cada termo, ao menos a partir de 1832.

Há efetivamente, em Schleiermacher, uma vinculação muito estreita entre estilo ou tendência do texto e seu autor. Um remete a outro. É no estilo que se revela o autor, e o primeiro, por sua vez, só se elucida à luz do segundo, conhecendo sua intenção. Com isso Schleiermacher, de forma alguma, quer dizer que seja fácil saber a intenção do autor, ao contrário, diz ele, há obras que são verdadeiros "enigmas hermenêuticos".²⁶ Esse desafio de saber a intenção do autor e de conhecer a tendência ou estilo da obra também não significa que nisso se esgote toda a interpretação, pois o desafio é compreender o autor "não apenas tão bem quanto ele mesmo se compreendia, mas ainda melhor".²⁷ Inclui, pois, procedimentos impossíveis para o autor.

Quando se fala de uma interpretação especificamente psicológica inclui-se como objeto de interpretação a vida do autor, no sentido de saber os "motivos" que o levaram a escrever. Para não subestimar essa perspectiva de interpretação, importa prestar bem atenção ao que Schleiermacher mesmo quer dizer com isso. Ao se perguntar pelos "motivos" e pelo "projeto originário" de uma obra, ele, em verdade, está perguntando pelas circunstâncias que a provocaram. O autor não é uma figura abstrata, mas situado num contexto, que, de alguma forma, o constitui. E certamente não é sempre indiferente ter diante de si apenas uma obra a ser interpretada ou ter, além disso, uma descrição externa de sua origem. Excluir a pergunta pelo autor seria, no mínimo, reduzir toda arte a um e mesmo denominador.²⁸

A interpretação *técnica*, no sentido específico do termo, situa-se na tensão entre a vontade ou intenção de comunicação do autor e as formas de linguagem de que este dispõe para a sua manifestação. Segundo Schleiermacher, as tradicionais categorias da linguagem e mesmo suas convenções artísticas podem dominar

²³ Manfred Frank, op. cit., p. 267.

²⁴ HK, p. 86.

²⁵ Nem sempre ele faz essa distinção. Uma maior diferenciação, a partir de 1832, parece representar de fato o aprofundamento de sua teoria hermenêutica (Cf. HuK 167 e 236, nota 2 e cf. também Manfred Frank, *Das individuelle Allgemeine*, p. 314.).

²⁶ G. Scholtz, *Ethik und Hermeneutik*, p. 114.

²⁷ *Ibid.*, p. 114 e HK, p. 108.

²⁸ G. Scholtz, op. cit., p. 115.

e limitar o artista, mas ele, por sua vez, também pode romper a tradição e criar novas formas. Todo discurso é articulado nos limites da linguagem, mas é também um constante deslocar desses pelo autor, deixando neles sua marca, seu estilo, objeto da interpretação *técnica*.

6. Comparação e divinação – Poder-se-ia dispensar falar da importância da comparação. A todo momento lança-se mão dela. É em virtude da comparação que se distingue entre sentido novo e velho, amplo e restrito, convencional e revolucionário. Ninguém questiona esse procedimento. O que, entretanto, precisa de mais esclarecimento é a *divinação*, que já recebeu as mais desencontradas interpretações. Trata-se simplesmente de um procedimento da imaginação, a qual ninguém pode dispensar. Não se fala de uma imaginação gratuita, mas de um atinar a partir dos dados disponíveis. Assim, a concepção da forma da obra, ou seja, a estrutura do todo, só é possível pela fantasia. A divinação, segundo Schleiermacher, é o esforço de refazer o projeto criador e imaginário do autor. É a tentativa de refazer a singularidade estilística do autor. Isso, com certeza, não vem em prejuízo de nenhum procedimento científico, mas, ao contrário, o complementa e, inclusive, faz parte dele.²⁹

7. O círculo hermenêutico – Heidegger mostra, na analítica do *Dasein*, como o círculo hermenêutico é da própria estrutura da compreensão e da interpretação. Já o projeto de Schleiermacher apontava, de alguma forma, para o sentido estrutural desse círculo, “demonstrando a complementaridade fundamental entre os aspectos particular e universal” ou o todo e a parte “de uma interpretação. Qualquer uma das duas perspectivas hermenêuticas, argumenta ele, degenera em abstração quando não complementada pela outra: o particular só pode ser compreendido a partir do todo (universal) e esse somente a partir do particular, porque um existe como síntese com o outro”.³⁰ A origem desse círculo está na “dependência mútua entre os aspectos gramatical e psicológico, objetivo e subjetivo. E é também aí, na conjugação dos dois aspectos, que está sua universalidade e se desenha todo o quadro do método interpretativo. Nenhum procedimento hermenêutico é possível sem essa complementaridade”.³¹

8. O processo de criação – A hermenêutica de Schleiermacher é um convite a considerar o texto como uma obra, ou seja, como algo construído, e, por conseguinte, a considerar sua criação ou processo de produção. É um procedimento especialmente importante na geologia, onde se estuda a estrutura das camadas terrestres a partir de seu processo de constituição. Da mesma forma, tem lugar importante na hermenêutica de Schleiermacher a gênese ou o processo criador de um texto. É, sem dúvida, uma preocupação que faz sentido e que continua presente até hoje, quando, por exemplo, se procura reconstruir o surgimento de uma

²⁹ Cf. Gunter Scholtz, *Ethik und Hermeneutik*, p. 116 e Aloísio Ruedell, op. cit., p. 191 e ss.

³⁰ A. Ruedell, op. cit., p. 185; HK 141-142: “[...] dass wie freilich das Ganze aus dem Einzelnen verstanden wird, so doch das Einzelne nur aus dem Ganzen verstanden werden könne, ist von solchem Umfang für diese Kunst und so unbestreitbar, dass schon die ersten Operationen nicht ohne Anwendung desselben zu Stande gebracht werden können, [...]”.

³¹ A. Ruedell, op. cit., p. 185.

obra para facilitar o seu entendimento. “Assimetrias na composição, quebras e mudanças de temas, entre outros, muitas vezes só são compreensíveis através de sua gênese”.³² Existem também obras que tratam, por exemplo, “do surgimento da *Crítica da Razão Pura* de Kant, das Sinfonias de Bethoven e dos Romances de Thomas Mann”.³³ Quem negasse esse aspecto da gênese, afirma Scholtz, não poderia, por exemplo, tomar conhecimento *Do surgimento de Doutor Fausto* (*Die Entstehung des Doktor Faustus*). O processo de formação de uma obra constitui-se, muitas vezes, no próprio conteúdo da interpretação e da compreensão.

Considerações finais – Outros conceitos poderiam ser discutidos, dentro do âmbito da hermenêutica, e também sobre sua relação com outras ciências, como, por exemplo, com a Dialética e a Crítica, ou com a própria Ética, inicialmente referida. No entanto, o que até aqui foi apresentado já é o suficiente para que se tenha uma noção da estrutura básica da hermenêutica de Schleiermacher, como fora o propósito da discussão. Por isso, a título de conclusão e mantendo aberta a possibilidade de outras abordagens, é oportuno retomar e destacar as seguintes idéias e aspectos relativos à hermenêutica de Schleiermacher e que foram discutidos ao longo da exposição:

1. A opção pelo tema da hermenêutica é uma delimitação da discussão face à amplitude e à riqueza do pensamento filosófico de Friedrich Schleiermacher. E é precisamente nesse campo de atuação que ele figura como clássico da Filosofia Alemã.

2. É possível identificar uma dupla pergunta hermenêutica em Schleiermacher:

- uma pergunta metodológica ou normativa, característica de uma hermenêutica *técnica*;
- uma pergunta pelas condições de possibilidade, ou seja, uma pergunta filosófica, de uma hermenêutica *filosófica*.

3. O projeto hermenêutico de Schleiermacher está estreitamente vinculado à sua concepção de linguagem e de sujeito. Há, segundo Schleiermacher, uma indisponibilidade fundamental do sujeito, que nunca se identifica na pureza de sua ipseidade. Esse conceito emerge já sempre como relação com outro, objeto ou sujeito, onde as formas da relação são as da linguagem. É essa que o constitui. A linguagem, entretanto, por mais estruturada e sistematizada que seja, é novamente concebida, tanto em seu aspecto semântico quanto sintático, como concurso ou resultado de concurso de projetos singulares de sentido, só inteligíveis à luz da subjetividade e que, por isso, requer interpretação, precisa da hermenêutica.

4. A relação circular entre linguagem e sujeito ou *consciência de si* desdobra-se na relação entre os conceitos fundamentais da hermenêutica de Schleiermacher, dos quais alguns foram apresentados, mantendo-se aberta a possibilidade de outras abordagens.

³² G. Scholtz, *Ethik und Hermeneutik*, p. 117.

³³ *Ibid.*, p. 117.